

UNICAMP

EVENTO: Ópera Caipira
Ivan Vilela

VEÍCULO: CORREIO POPULAR

DATA: 21 de julho de 1994

PÁGINA: 1ª

SEÇÃO: CADERNO C



ÓPERA CAIPIRA

Ivan Vilela, pesquisador de ritmos regionais, prepara obra sobre libreto de Jeovah Amaral

SILVANA GUAIUME

Os sons da roça ganham outra versão. Nada de galos, pássaros, grilos, ovelhas e bovinos. Mas sons extraídos de uma orquestra de 13 músicos que irá interpretar a *Ópera Caipira*, baseada no libreto do poeta regionalista Jeovah Amaral, com músicas compostas pelo pesquisador de ritmos regionais Ivan Vilela. Se os animais não estarão presentes, a cultura do campo estará devidamente representada por duas violas caipira, dois acordeons, um violão, os instrumentos de sopro comuns em bandinhas de cidades do

interior: duas flautas e um clarinete, além de uma rabeca, um bandolim, duas percussões e um contrabaixo. A ópera deverá estreiar em Campinas no final deste ano.

Segundo Vilela, restam apenas 15% do trabalho de orquestração, dividido com Alexandre Lunski, para a ópera estar concluída. Ele lembra que recebeu o libreto há dois anos, mas teve que se livrar dos estereótipos antes de começar a compor e resolveu pesquisar ainda mais a música composta nos sul de Minas Gerais, de Mato Grosso e do interior de São Paulo. A MPB, que costuma frequentar o toca-discos de sua casa deu lugar para sertanejos autênticos, como Zé Côco do Rabecão. Perto do fim do trabalho de orquestração, Vilela preo-

cupa-se em escolher quem irá pilotar os instrumentos do musical e reger a orquestra. "Gostaria que o José Eduardo Gramani regesse, mas ele vai estar tocando", adianta, sem revelar os nomes dos músicos restantes.

Vilela irá tocar uma das violas caipiras. Estudante de Composição na Unicamp, conta que se identifica muito com o instrumento e tem a justificativa: nasceu no sul de Minas. O compositor lembra que a viola e o acordeon já tiveram status, mas foram esquecidos no tempo. "Houve uma hipervalorização do ser urbano e a cultura camponesa começou a ser depreciada. Também pesa a questão social, do migrante que pratica êxodo rural e acaba aceitando subemprego na cidade grande, pas-

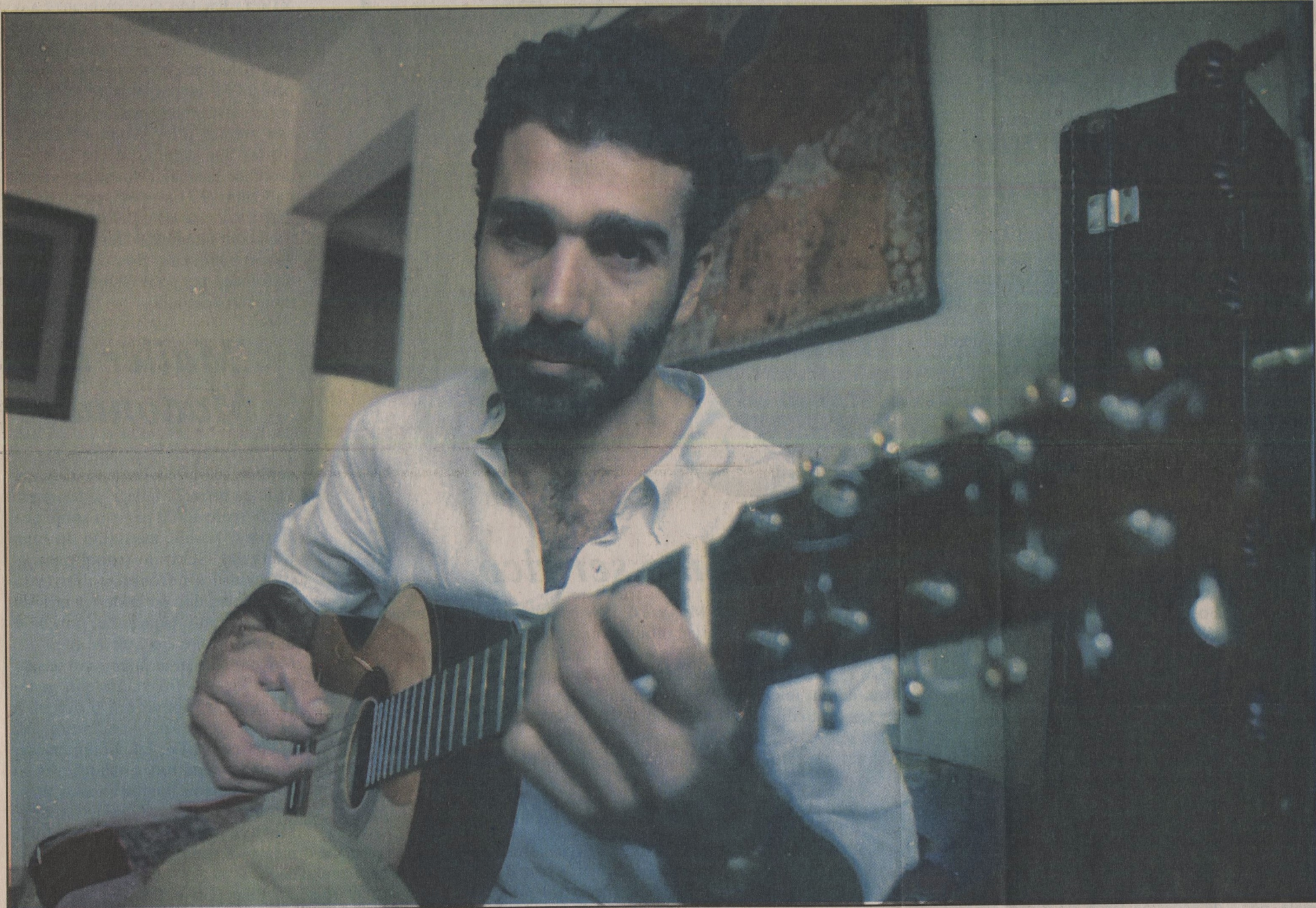
sando a fazer parte de uma população marginal", analisa.

De acordo com Vilela, a cultura regional também é esquecida quando se trata de consumir o que vem de fora. "Quando a cultura externa é absorvida totalmente, o indivíduo se aliena. Mas quando consegue fazer a síntese e misturar as manifestações culturais, sai coisas maravilhosas", defende Vilela, citando o trabalho dos violeiros Almir Satter, Roberto Correa e Renato Andrade. "Os músicos estão vendo na viola um instrumento exótico, uma possibilidade híbrida na MPB. Ela está sendo redescoberta", acredita. Para o compositor, o Brasil e os Estados Unidos são os dois países mais ricos em ritmos musicais. "Um pesquisador descobriu 250 manifestações folclóricas

no Brasil. E cada uma tem até 40 variantes", exemplifica.

A *Ópera Caipira* terá cantores e atores interpretando os personagens. Eles ainda serão escolhidos por Niza Tank, que também participa da montagem do espetáculo. "Mas não haverá imposição de voz, as músicas serão cantadas à moda caipira, com a voz branca. A orquestra irá interagir com os personagens", diz Vilela. A linguagem também é camponesa, conta o compositor, afirmando que o texto não irá ferir os ouvidos dos linguisticamente corretos. "É uma maneira regional de falar que será reproduzida e respeitada", defende. A ópera, dividida em dois atos, terá aproximadamente duas horas de duração.

AUGUSTO DE PAIVA



Ivan Vilela, com sua viola caipira: pesquisa no interior de São Paulo e nos estados de Minas Gerais e Mato Grosso

Instrumento é o mais rico em timbres

Uma história de amor na roça que discute problemas sociais e valoriza o folclore nacional, inserindo na trama manifestações populares como o Cururu e a Folia do Divino. Gertrudes (Tudica) é uma moça brejeira, crescida no campo, irmã de Zé do Eito, rapaz forte e decidido. Os dois são filhos de Chico do Eito, que perdeu suas terras e trabalha como colono para o latifundiário explorador João Lao, pai de Tião Madeira e Adelaide. Os filhos se apaixonam, mas são reprimidos pelo tirano João Lao, que quer expulsar os colonos de sua fazenda. A *Ópera Caipira* tem ainda Anatalia, filha de criação de Lao, que abre mão de seu amor por Zé do Eito para deixar o caminho livre para Adelaide. Um violeiro cego faz a narração da história, costurando o enredo.

O primeiro ato da ópera expõe os conflitos e as características de cada personagem. No segundo ato, os problemas são resolvidos. Durante toda a ópera, entram em cena outros personagens para participar de uma feira com vendedores, mestre carreiro, berranteiro, da Festa de São João, com Cururu, da Folia do Divino e de uma quadrilha, que encerra a apresentação. Ivan Vilela compôs uma música específica para cada personagem, reforçando suas características. Ao entrar em cena, o personagem será precedido por um trecho de sua música, indicando sua presença. Ivan baseou-se no *leit-motiv*, usado pelo compositor alemão Wagner em suas óperas, com o mesmo propósito. Tudica, por exemplo, ganhou uma mazurca (variação da valsa) para ilustrar seu comportamento faceiro e Zé do Eito, uma congada, marcando sua presença pulsante.

História procura valorizar o folclore

A viola caipira, ou viola sertaneja, ou viola de arame, como é conhecida no Brasil, chegou ao País trazida por colonizadores, no século 16. Tem parentesco com a guitarra barroca, da Espanha, e a viola braguesa, de Portugal, mas adquiriu características próprias regionais, o que reforçou sua brasilidade. É o instrumento de corda mais rico em timbres; enquanto outros, como o violão e o bandolim, têm apenas uma afinação padrão, a viola pode ser afinada com 16 variações. O instrumento tem cinco pares de corda, o corpo pode ser do tamanho de um violão ou menor, com cintura mais fina e a caixa mais estreita próximo ao braço. Numa pesquisa feita no sul de

Minas Gerais, Mato Grosso e no interior paulistano, o músico Ivan Vilela descobriu o que um violeiro deve fazer para tocar o instrumento com perfeição. Entre as "lendas", a mais popular diz respeito à viola. Para obter melhores timbres do instrumento, basta colocar um guizo de cascavel dentro da caixa. No caso de melhorar a atuação dos violeiros, as receitas são outras. Uma delas manda pegar um filhote de urutu nas mãos, deixar o corpo da cobra correr entre todos os dedos e soltá-la em seguida. Com muito cuidado, porque a picada pode ser fatal.

Outra lenda que corre pelos campos é descobrir um túmulo de um violeiro muito bom e famoso. Numa Sexta-Feira

Santa, quando der meia-noite, o aprendiz deve parar em frente ao jazigo de mão estendidas e abertas. De olhos fechados, deve rezar três Pai-Nosso e três Ave-Maria. Daí o solicitante vai ouvir o barulho do vento aumentando e galhos de árvore quebrando, mesmo que não haja plantas por perto. Nessa hora ele não pode abrir o olho de jeito nenhum, correndo o risco de virar sapo. O espírito do violeiro vai se aproximar, estalar todos os dedos das mãos do aprendiz e transferir-lhe o poder de tocar bem. Ele tem que rezar mais três Pai-Nosso e três Ave-Maria, e quando os barulhos se afastarem, pode abrir os olhos.

Mas o método tido como infalível

para os aprendizes tocar com perfeição é procurar uma encruzilhada e vender a alma para o diabo. Então, haverá um duelo de viola entre o capeta e o violeiro que, se tocar melhor que o coisa ruim, irá aprisioná-lo dentro de sua viola. Agora, se o tihoso tocar melhor, o violeiro tem que entregar sua alma. Essa história tem uma variante. Em algumas regiões, acredita-se que, mesmo vendendo a alma ao diabo, o violeiro vai para o céu quando morre simplesmente porque Deus chama para ele todos os violeiros que existem, para alegrar o paraíso. Vilela colocou o guizo de cascavel dentro de suas violas, mas descartou as lendas e prefere estudar bastante para ser um grande violeiro.